

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IFGOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NO ENSINO
SUPERIOR

ANA TEREZA DE PÁDUA OLIVEIRA

**O PAPEL DO DOCENTE COMO MEDIADOR DA LEITURA NO ENSINO
SUPERIOR**

IPAMERI/GO
DEZEMBRO/2019

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IFGOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NO ENSINO
SUPERIOR

ANA TEREZA DE PÁDUA OLIVEIRA

O PAPEL DO DOCENTE COMO MEDIADOR DA LEITURA NO ENSINO
SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção de Especialista em Docência no Ensino Superior Orientado pela Prof.^a Dra. Maria Luiza Batista Bretas.

IPAMERI, GO
DEZEMBRO/2019



INSTITUTO FEDERAL
Goiano

Repositório Institucional do IF Goiano - RIIF Goiano
Sistema Integrado de Bibliotecas

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- Tese Artigo Científico
 Dissertação Capítulo de Livro
 Monografia - Especialização Livro
 TCC - Graduação Trabalho Apresentado em Evento
 Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____

Nome Completo do Autor: *Jma Lenza de Pádua Oliveira*

Matrícula: *2018112301030333*

Título do Trabalho: *O papel do docente como mediador da leitura no Ensino Superior*

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: *16/12/2019*

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Jma
Local

11/12/2019
Data

Jma Lenza de Pádua Oliveira
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

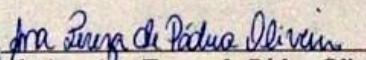
M. Bretas
Assinatura do(a) orientador(a)

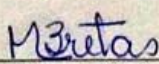


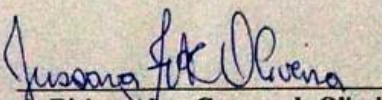
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI


**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM DOCÊNCIA DO ENSINO
SUPERIOR**

No dia **11 de dezembro de 2019, às 10:30 horas**, na Sala 04 do Bloco D do Instituto Federal Goiano - IF Goiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Dr^a. Maria Luiza Batista Bretas, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Ana Tereza de Pádua Oliveira**, do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Docência do Ensino Superior, visando a obtenção do título de Especialista. A banca foi constituída pelos professores: Professora Dr^a. Maria Luiza Batista Bretas (orientadora e presidente), Professora Dr^a. Jussara de Fátima Alves Campos de Oliveira (Titular) e Professora Dr^a. Silvana Augusta Barbosa Carrijo (Titular), com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado: "**O papel do docente como mediador da leitura no ensino superior**". Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi **APROVADA**, com a nota **9,7**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 11 de dezembro de 2019.


Acadêmica: Ana Tereza de Pádua Oliveira


Prof^a. Dra^a. Maria Luiza Batista Bretas - Orientadora e Presidente
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)


Prof^a. Dra^a. Jussara de Fátima Alves Campos de Oliveira - Membro Titular
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)


Prof^a. Dra^a. Silvana Augusta Barbosa Carrijo - Membro Titular
Universidade Federal de Goiás - Catalão

DEDICATÓRIA

A Deus, por seu amor e imensa misericórdia.

Ao meu esposo, companheiro nas batalhas e nas vitórias, você me faz alguém melhor.

A minha avó, que me ensinou que a leitura é algo mágico.

Aos meus pais, pela educação e por me incentivarem em meus sonhos.

Aos familiares e amigos que estão sempre orando e torcendo por mim.

Ao professor Roberli, diretor da UEG Campus Ipameri, por me permitir a utilização dos dados referentes à biblioteca.

À professora Maria Luiza Batista Bretas por aceitar me acompanhar e orientar nesta pesquisa.

A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser. A questão não é saber se tenho tempo para ler ou não (tempo que, aliás, ninguém me dará), mas se me ofereço ou não à felicidade de ser leitor.

Daniel Pennac

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A HISTÓRIA DA LEITURA	10
2. O HÁBITO DE LEITURA	11
3. A QUESTÃO DAS “FALTAS”	14
4. O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS CAMPUS IPAMERI	16
5. TRANSPONDO DESAFIOS	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

O PAPEL DO DOCENTE COMO MEDIADOR DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Ana Tereza de Pádua Oliveira
Maria Luiza Batista Bretas

RESUMO

Apesar do consenso de que leitura é importante, muitos alunos só têm contato com ela nas escolas, por meio de pequenos trechos de livros didáticos. Sendo assim, chegam ao nível superior com extrema dificuldade para adquirir informação da sua área e com pouca ou nenhuma afinidade com o ato de ler. Tentando resolver essa lacuna e destacando o importante papel do professor nesse contexto, esse trabalho visa responder a seguinte questão: *“Como o docente do ensino superior pode atuar como mediador de leitura e incentivar seus alunos?”*. Para tanto, foi feita pesquisa quali-quantitativa sendo que os dados quantitativos foram retirados da base de dados do Sistema Gnuteca da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Ipameri, assim, analisou-se a quantidade de livros retirados pelos professores do referido campus, no primeiro semestre de 2019. Além disso, foi feita pesquisa bibliográfica em livros de autores renomados da área e também pesquisa em artigos indexados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com assuntos que puderam servir de suporte para o trabalho. Falou-se sobre a história da leitura, abordando a questão das “faltas”, discutiu-se sobre o hábito da leitura e os desafios que os professores enfrentam para motivar seus alunos a lerem. Conclui-se que, apesar da quantidade de material disponível na biblioteca, poucos professores a frequentam e se utilizam desse material. Porém, em um mundo em que os jovens são inundados de informações distorcidas, incompletas ou até mesmo falsas é imprescindível que os professores atuem como mediadores e auxiliem na busca de informação verdadeira e de qualidade. Porém, para tanto, o professor deve gostar de ler, conhecer o acervo da biblioteca da instituição em que atua e dar o exemplo aos seus alunos.

Palavras-Chave: Leitura. Mediação. Ensino Superior. Docência.

INTRODUÇÃO

Embora seja senso comum que a leitura é importante, é notável que esse hábito restringe-se a poucos privilegiados. As dificuldades para ler e interpretar passam da casa à escola, do ensino ao fundamental ao médio e daí para o nível superior, sendo que apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. (INSTITUTO PRÓ LIVRO, 2016) Esses dados refletem

diretamente na formação do aluno no ensino superior, que, por não conseguir compreender os textos apresentados pelo professor, não consegue ter um bom aprendizado, o que acarreta na sua má formação acadêmica e no seu desempenho como futuro profissional (SANTOS, 2006).

Nesse contexto, o professor tem um papel fundamental para ajudar seus alunos a se interessarem pela leitura, mostrando o caminho para que eles possam desenvolver sua autonomia enquanto buscam a informação e ajudando durante o processo de reflexão e análise e na construção do conhecimento.

Porém, a experiência de trabalho na biblioteca de uma Instituição de ensino superior vem me mostrando que isso raramente acontece. Muitos alunos chegam na graduação sem nunca terem ao menos entrado em uma biblioteca ao longo de sua vida, não conseguem buscar as informações necessárias para aperfeiçoar seus estudos e sentem dificuldade em ler e compreender um livro. Acresce-se a isso, o fato de que alguns professores acreditam que os alunos não leem, não gostam de livros e que não há muito o que se possa fazer para mudar isso. Assim, não há um engajamento entre os docentes para motivar os discentes de alguma forma a mudarem seus hábitos, pois muitos encontram dificuldades nesse sentido. Além disso, o hábito de ler não é comum entre os próprios educadores, o que torna difícil para os mesmos mediar a leitura para seus alunos.

Nesse contexto, escreve Machado (2001, p.118) que muitos professores: “não leem, não vivem com os livros uma relação boa, útil, importante. Sem isso, não dão exemplo e não conseguem verdadeiramente passar uma paixão pelos livros - e sem paixão, ninguém lê de verdade.” Mas, acredito que com o incentivo certo, os estudantes podem sentir-se motivados a utilizar e ler os livros, seja no formato físico ou digital e o professor tem um papel fundamental nesse processo. Por isso, este trabalho visa a responder à seguinte questão: *“Como o docente do ensino superior pode atuar como mediador de leitura e incentivar seus alunos?”*

A pesquisa teve caráter quali-quantitativo. Entende-se por pesquisa quali-quantitativa como aquela que “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)” (KNECHTEL, 2014, p. 106)

Para tanto, foi feita pesquisa bibliográfica que, segundo Severino (2015, p. 122):

...é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Foram analisados livros de autores renomados que discutem a leitura e a educação, além de artigos indexados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com assuntos que puderam servir de suporte para a pesquisa.

Com relação aos dados quantitativos, esses foram coletados mediante pesquisa na Gnuteca, base de dados da biblioteca da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Ipameri, de onde foram retiradas as informações referentes ao acervo e à quantidade de empréstimos dos professores desse câmpus.

Como hipótese, acredita-se que a maioria dos professores não frequentam a biblioteca da universidade em que trabalham, portanto não conhecem seu acervo, e possuem dificuldades em incentivar os alunos a lerem.

Apesar do consenso de que ler é bom e importante, ainda há poucas pesquisas relacionadas ao incentivo à leitura no ensino superior. Pesquisando na base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), pelas palavras chaves “incentivo à leitura” e “ensino superior”, apenas 4 resultados foram recuperados. Da mesma forma, na plataforma de Periódicos da Capes, buscando-se pelos assuntos “incentivo à leitura” e “ensino superior”, nenhum artigo foi encontrado¹.

Portanto, esse trabalho como objetivo geral demonstrar o papel do professor de ensino superior como mediador da leitura. Como objetivos específicos, demonstrar o que é leitura e qual a sua importância para a formação integral do sujeito. Falar do papel do docente como motivador da leitura, as dificuldades encontradas e o que ele poderia fazer para inspirar seus alunos. Mostrar como o exemplo o caso da Universidade Estadual de Goiás, através de dados quantitativos.

Para tanto, esse artigo foi dividido em cinco partes. Na primeira, “A História da Leitura”, falou-se sobre a revolução da leitura, tendo como base o pesquisador

¹ Os dados foram pesquisados no dia 13 de dezembro de 2019.

Chartier (1999). Na segunda, “O hábito de leitura”, apresentou-se a noção do que é leitura, os níveis de leitura, as algumas dificuldades que os leitores enfrentaram para ler ao longo dos anos. Em “A questão das ‘faltas’” discutiu-se as dificuldades enfrentadas: faltam bibliotecas, livrarias, políticas públicas duradouras... Na quarta parte, “O caso da Universidade Estadual de Goiás - Campus Ipameri”, apresentou-se a pesquisa feita na base de dados Gnuteca – base da biblioteca da Universidade Estadual de Goiás. Na quinta parte, “Transpondo desafios” mostrou-se que, apesar das muitas dificuldades e faltas, os professores podem de alguma forma inspirar seus alunos a leem.

1. A HISTÓRIA DA LEITURA

Para se entender a prática da leitura no mundo atual, faremos um percurso histórico e descreveremos essa prática durante alguns períodos. Para isso, recorreremos ao artigo “As revoluções da leitura no Ocidente”, do historiador e professor francês Roger Chartier, que se dedica aos estudos da história do livro e da leitura, no qual demonstra que o ato de ler passou por algumas revoluções.

Em princípio, na Antiguidade, os textos eram produzidos para serem lidos em voz alta. Esse era um modo de colocar um trabalho em circulação. Lê-lo em voz alta também tinha uma função pedagógica e demonstrava que se tinha domínio da retórica e da fala em público, pois poucas pessoas sabiam ler (CHARTIER, 1999).

Durante a Idade Média, a habilidade de se ler em silêncio, que antes era restrita aos escribas monásticos, passou a ser comum nas universidades até atingir os cortesãos, os aristocratas e os mais humildes dos leitores. Segundo Chartier (1999), hoje, ao contrário da Antiguidade, uma pessoa é considerada iletrada não somente por não conseguir ler um texto, mas também quando só é capaz de entendê-lo se o ler em voz alta.

Na Europa moderna, os dramaturgos recusavam-se a imprimir seus textos, pois acreditavam que haveria erros nos textos impressos e que a impressão tiraria a “vida” das peças, que eram escritas para serem encenadas, vistas e ouvidas. Mas, fatores como as más performances no palco e a necessidade de se fazer peças mais curtas, fizeram com que as peças começassem a ser impressas (CHARTIER, 1999). Então, a primeira revolução da leitura acontece quando se é difundida a possibilidade de se

ler silenciosamente, pois a leitura silenciosa é mais livre, rápida, especializada, reservada e permite que se possa ler mais e ler textos mais complexos.

A segunda revolução acontece por volta do século XVIII, durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Destaca-se a multiplicação dos jornais e a proliferação de instituições que permitiam ler livros e periódicos sem ter que os comprar (bibliotecas, clubes do livro e sociedades de leitura). Os novos leitores liam impressos efêmeros avidamente, de forma rápida e desprezada, submetendo o que liam a julgamento imediato. Nessa fase, também se tornou popular a leitura de romances, em que os leitores (na maioria mulheres) liam, reliam, identificavam-se com as personagens, memorizavam e citavam o texto (CHARTIER, 1999).

A industrialização da produção de impressos trouxe novas categorias de leitores (crianças e trabalhadores) e novos materiais e modelos de leitura, em que as disciplinas educacionais tenderam a definir uma forma controlada, única e codificada de leitura, que contrastava com a diversidade de práticas de leitura tanto dos que já eram familiarizados com a cultura escrita, quanto com os que estavam tendo contato recente com ela (CHARTIER, 1999).

Outra revolução na leitura acontece na época em que estamos. Com a transmissão eletrônica, um único indivíduo pode escrever, publicar e distribuir um texto. O texto eletrônico pode, em teoria, alcançar qualquer leitor, pois está dissociado da materialidade e da localização convencional. Com o espaço, ambiente e mídia eletrônicos, a leitura é mais dinâmica, pois nos blogs, sites de notícias, Wikipédia, por exemplo, o leitor pode intervir no texto e tornar-se coautor (CHARTIER, 1999).

Assim, é no meio de toda essa dinâmica que as crianças de hoje têm seu primeiro contato com a leitura. Desde pequenas, até mesmo antes de aprenderem a ler, aprendem a usar aparelhos eletrônicos, que vão desde os mais simples brinquedos até os mais complexos aparelhos, como celulares e computadores. Muitas vezes, elas só têm contato com um livro quando chegam à escola e outras nem assim. Por isso, é cada vez mais desafiador para os profissionais que trabalham com o incentivo à leitura fazer com que um aluno se interesse por ela. Portanto, deve-se tomar cuidado e fazer com que esse primeiro contato com o livro e a leitura não seja traumático para os alunos, mas algo prazeroso e que desperte o interesse e a curiosidade deles para que, desse modo, o hábito de ler comece a fazer parte de suas vidas. Desse modo, quando o aluno entrar na universidade, a leitura já será algo

frequente, habitual e, assim, terá menos dificuldade em compreender os textos acadêmicos e assimilar o conhecimento.

2. O HÁBITO DE LEITURA

Embora seja muito discutida a importância da leitura, muitas vezes a compreensão do que é leitura é deixada de lado. Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira, propõe que ler “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1995, p. 11). Por isso, a leitura do mundo, ou seja, daquilo que faz parte da vida diária de uma pessoa, o contexto em que estão inseridas e suas experiências antecedem a leitura das palavras, o que ele chama de “palavra mundo”. Por outro lado, a leitura das palavras implica na continuidade da leitura do mundo sendo também uma forma de “escrevê-lo”, “reescrevê-lo” e transformá-lo:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” e “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1995, p. 20).

Brito (2011) afirma que o ato de ler vai muito além de decifrar signos, mas é uma prática social circunstanciada, que favorece o alargamento do espírito e das possibilidades de atuação e intervenção na sociedade, sendo mais que um simples ato, uma atitude:

[...] “ler”, no âmbito da formação do leitor, corresponde a mais que o “ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral” – acepção primeira e denotativa de ler constante dos dicionários. De um modo geral, pode-se postular que o que se deseja é que a pessoa adquira “o hábito de ler”, entendido como o gesto deliberado de tomar, com relativa frequência, determinados tipos de textos para ler, assim como incorporar competências, estratégias e referências que lhe habilitem a produção de sentido a partir do ato leitor (BRITO, 2011, p. 20).

Martins afirma que as circunstâncias, o contexto e a convivência de uma pessoa influenciam no seu desempenho na leitura e que o ato de ler começa antes e termina depois de se ler um texto:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura (MARTINS, 1994, p. 31).

A pesquisadora acredita também que o ato de ler implica em três níveis, que são inter-relacionados ou até simultâneos, variando de acordo com a experiência, expectativas, necessidades, interesses do leitor e o contexto. Esses níveis são o sensorial, o emocional e o racional.

No nível sensorial, características como cor, textura, formato, volume e cheiro são levadas em conta. Já a leitura emocional lida com os sentimentos e é subjetiva. Nela, emerge a tendência de se ver na situação e circunstâncias experimentada pelo outro, mesmo que seja uma personagem de ficção, um animal ou objeto. Por fim, temos a leitura racional que é uma ponte entre o leitor e o conhecimento e possibilita-lhe atribuir significado ao texto e questionar o universo das relações sociais. Também permite o alargamento dos horizontes de expectativa do leitor e amplia as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social, além disso possui um caráter dialético. No caso do universitário, por esses níveis ele reconhecerá os diversos tipos de texto da graduação (artigo, resumo, resenha) e aprenderá a consolidar seu aprendizado.

O nível de leitura é influenciado pelas experiências e circunstâncias de vida de cada leitor e também pelas questões e respostas apresentadas pelo texto lido. A cada nova leitura tem-se uma nova percepção do texto lido e pode haver até mudanças de nível (MARTINS, 1994). Sendo assim, quanto mais cedo o aluno tiver contato com o livro, mais produtivo será para ele na universidade. As experiências e habilidades de leitor, fará toda diferença para ele na academia.

Abreu (1999), afirma que a leitura não pode ser considerada uma prática neutra, mas campo de disputa, e espaço de poder. Isso porque, segundo ela, a leitura nem sempre foi vista de forma positiva e durante o século XVIII acreditava-se que ela oferecesse perigo para a saúde, pois o esforço de se ler e entender um texto prejudicaria, por exemplo, os olhos e o cérebro. Mas o maior mal seria os perigos que a leitura traria à alma e à moral.

A autora descreve também que as instituições religiosas, principalmente a Igreja Católica, acreditavam que havia mais perigos em heresias e erros difundidos por escrito do que aqueles praticados ou disseminados por voz alta, então

censuravam, controlavam e proibiam a composição, publicação, venda e posse dos livros considerados herege. (ABREU, 1999, p. 13)

A educadora também nos lembra que os livros considerados subversivos, que contestavam, questionavam ou ridicularizavam um sistema político, também foram banidos por governantes. Ler deixaria as pessoas mais espertas e críticas e faria com que elas questionassem mais as autoridades, e por isso não é uma prática neutra.

Então, a leitura é uma ação mobilizadora que pode mudar a forma de se ver o mundo e a forma de se atuar na sociedade. Portanto, ler é mais do que simplesmente decodificar o que está escrito, é um processo dinâmico que exige o uso da razão, a emoção e os sentidos para se compreender, interpretar e reconhecer aquilo que está sendo passado por meio daquilo que se lê. A leitura serve para tornar as pessoas mais cultas e conseqüentemente mais críticas, e por isso é tão importante na Universidade. O ato de ler implica em uma atitude, uma forma de transformar o mundo.

No ensino superior a leitura é essencial para o desenvolvimento do aluno enquanto futuro profissional. Os universitários precisam ter bem em mente o que realmente significa a leitura, que vai além de decodificar o texto, do “ler por ler”. Porém, muitos tem dificuldade para compreender o que leem, mesmo que os textos das disciplinas não sejam extensos, não os conseguem interpretar, pela falta de hábito (TOURINHO, 2011).

Podemos perceber que é senso comum que a leitura é importante, que deve ser disseminada, que ela abre caminhos e melhora a escrita e a fala, mas apesar de ser repetido e falado, pouco é feito nesse sentido. As crianças chegam na educação infantil sem terem aprendido esse hábito na família, passam pela escola tendo contato apenas com pequenos trechos de livros didáticos e chegam na graduação, quando dificilmente adquirirão este hábito.

Bretas (2012) observa que na ânsia de garantir que a criança goste de ler, os pais e educadores fazem com que a leitura seja muito mais imposta do que espontânea. Mas, conforme observa Pennac (2013), o verbo ler não suporta o imperativo, ou seja, não dá para, simplesmente, dizer para uma pessoa: “leia o livro!”.

Além disso, dentro das escolas, existe a cultura de se pensar que o incentivo à leitura é apenas obrigação dos professores de Português, que, por sua vez, estão sobrecarregados de redações para corrigir, provas para elaborar e diários para preencher e não dispõem de tempo para esse tipo de questão (BRETAS, 2012).

Porém, cabe a todos os professores, independente da disciplina, desde os que trabalham na educação infantil até os da pós-graduação, o dever de formar leitores.

3. A QUESTÃO DAS “FALTAS”

Outro desafio na questão da formação do aluno-leitor é a noção de “falta”, faltam livros nas bibliotecas, que muitas vezes são consideradas “depósitos” de material, faltam bibliotecários, que dificilmente têm a profissão valorizada, conforme descrito por Silva (1997, p. 102):

(...) faltam bibliotecas, faltam livros para o povo, falta atualização dos acervos, falta mercado de trabalho aos nossos bibliotecários, faltam salários condignos, falta respeito e reconhecimento profissional, falta união de classe, falta o hábito de leitura, faltam lugares nas bibliotecas existentes etc etc.

Apesar de muitas vezes ser visto como aquele que apenas “guarda o livro na estante”, o papel do bibliotecário vai muito além da atividade de organizar o acervo. São anos de estudos, em que aprendem a atuar como mediador da informação, em como melhor atender seus usuários, a transformar a biblioteca em um local de transmissão de conhecimento, em constante renovação e crescimento. Sendo assim, com os professores, a biblioteca e o bibliotecário têm a função de inspirar os alunos para o constante crescimento pessoal e profissional. Porém, o que percebemos é uma luta constante em que o bibliotecário tem para provar o seu valor e a importância das bibliotecas. Nas escolas, quando há bibliotecas e salas de leituras, dificilmente têm esse profissional qualificado trabalhando. Geralmente são professores, muitas vezes aqueles que estão para se aposentar ou que criaram algum problema em outro setor da escola. Mesmo sendo uma pessoa que tenha “afinidade” com a leitura, não é qualificada para a função.

Outra “falta” que deve ser observada é a falta de livrarias pelas cidades brasileiras, junta-se a isso a falta de preços acessíveis dos livros (BRETAS, 2012). Apesar de termos diversos livros em formatos digitais, infelizmente muitos ainda não têm acesso à tecnologia e outros ainda têm resistência, ou apenas não gostam de ler nas telas.

Devemos lembrar de outra falta, a “falta” do hábito de leitura, que está relacionada à cultura brasileira. Somos um país, conforme observa Bretas, (2012, p.

29), que “prefere uma partida de futebol e beber com os amigos no bar da esquina, ou outras atividades aparentemente mais atraentes, à leitura de um bom livro”.

Por fim, outra falta que não se pode deixar de destacar é a “falta” de políticas públicas duradouras, consistentes e eficazes para o incentivo à leitura e à formação de leitores: “No Brasil, ainda há muito o que se fazer e investir com relação às políticas públicas de leitura” (BRETAS, 2018, p. 242).

4. O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS CAMPUS IPAMERI

A Universidade Estadual de Goiás - Campus Ipameri possui dois cursos de graduação (Engenharia Florestal e Agronomia) com um total de 37 professores. Possui uma biblioteca com uma bibliotecária responsável e seu acervo tem, até o momento, 6129 obras, todas cadastradas no Sistema Gnuteca, além de revistas atualizadas mensalmente, e as monografias defendidas pelos alunos na graduação e mestrado. Dessas obras, 1.185 são de assuntos gerais (português, literatura, filosofia e pedagogia) e 4.944 de temas diretamente relacionadas aos cursos².

O Sistema GNUTECA é um programa de automação de bibliotecas. Todos os empréstimos e devoluções ficam cadastrados nesse sistema, o que facilita o levantamento de dados e a realização de estatísticas. Tomando-se como base o primeiro semestre de 2019, fez-se a pesquisa da quantidade de exemplares retirados por pessoa. (Tabela 1)

Tabela 1 – Quantidade de exemplares retirados por professor

Professor	Quantidade de Exemplares
A	9
B	1
C	5
D	11
E	3
F	9

Fonte: Tabela própria

Podemos observar que apenas 6 dos 37 professores retiraram livros no primeiro semestre, dando um percentual de 16,2% dos professores. Esses dados colaboram com o nosso argumento de que poucos professores dão exemplos aos

² Os dados foram coletados no dia 18 de outubro de 2019.

alunos e dificilmente podem exigir deles a busca na biblioteca, uma vez que eles mesmos não o fazem. Ainda que muitos professores tenham suas bibliotecas particulares em casa, o número de retiradas – e, conseqüentemente, as visitas à biblioteca – é muito pequeno, levando-se em consideração o número de profissionais do corpo docente e a necessidade deles conhecerem e dinamizarem esse espaço do conhecimento que está a sua disposição e dos alunos.

Além do empréstimo domiciliar, a biblioteca possibilita a consulta local de livros. Todos os livros consultados localmente são registrados manualmente e é feito registro de consulta por docente individualmente, para futuras estatísticas. Assim, verificando a quantidade de exemplares consultados localmente por professor, além desses 6 professores que retiraram livros, outros 5 fizeram a consulta local, conforme a tabela a seguir:

Tabela 2 – Quantidade de exemplares em consulta local

Professor	Quantidade de Exemplares
G	2
H	10
I	1
J	1
K	1

Fonte: Tabela própria

Desse modo, podemos observar que, apesar de não terem levado os livros para casa ou para sala de aula, esses 5 professores buscaram informação no acervo da biblioteca. Se cada disciplina deve ter pelo menos 3 bibliografias básicas, além da bibliografia complementar que a quantidade é livre e esses livros deveriam estar disponíveis na biblioteca da instituição, ter apenas 27% dos professores frequentando a biblioteca pelo menos uma vez no semestre e conhecendo pouco ou nada do acervo, é realmente preocupante.

Todos os livros retirados e consultados foram de temas diretamente relacionados aos cursos nos quais os professores ministram aulas. Por atuarem na área das Ciências Agrárias, em que a leitura de livros são mais voltados para o universo técnico e não se trata de uma leitura lúdica, muitos deles podem sentir dificuldades em fazer trabalhos de incentivo à leitura com seus alunos, sobretudo no campo literário.

5. TRANSPONDO DESAFIOS

Os professores enfrentam muitos desafios, faltas e dificuldades para atuarem como mediadores da leitura. Porém, antes de mais nada, o docente deve gostar de ler e essa prática deve ser constante em sua carreira acadêmica. Como explica Machado, existe uma relação entre leitura e poder e quando alguém abre mão de ler algo consistente, está abrindo mão de uma parcela do poder: “Até mesmo porque atrofiamos nossa capacidade de reivindicá-lo por meio de argumentos fundamentados, inseridos numa visão ampla da situação” (2001, p.135).

A escritora explica que no caso do professor, isso é ainda mais sério e preocupante:

Se o seu ofício é transmitir aos alunos a sabedoria acumulada pela humanidade no decorrer de sua história, como é que ele vai fazer isso se não ler? Simplesmente, não vai. Vai apenas transmitir alguns conhecimentos, aqueles que lhe ensinaram quando se formou e que atualiza do jeito que pode vida afora, em conversas com os outros, vendo televisão ou folheando uma revista. No máximo, para o caso daqueles mais sortudos ou privilegiados que têm acesso a computadores [...] pode atualizar seus conhecimentos na internet (MACHADO, 2001, p.135).

Não basta apenas dizer que ler é bom e necessário e exigir que os alunos leiam. Se os professores não leem, não têm uma relação boa, útil e importante com os livros, ou seja, se não dão exemplo, jamais conseguirão transmitir a paixão pela leitura (MACHADO, 2001). Não se consegue ensinar a ler: “É mais uma contaminação do que um ensino (MACHADO, 2001, p. 118)”. Conforme destaca Pennac (1998, p. 80): “E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse partilhar a sua felicidade de ler?”.

Porém, muitos professores acham mais fácil dizer que os jovens não leem, que hoje em dia, com a tecnologia, ninguém quer ir à biblioteca, que os livros vão acabar. Mas, conforme descreve Bretas:

...não seria justo para com os alunos a afirmação de que eles não gostam de ler. Existe, sim, uma prática de leitura por parte dos estudantes, subjacentes às outras práticas que se encontram incorporadas dentro do ambiente escolar. O que o professor precisa fazer é ajustar sua voz de reconciliação, nos casos em que o aluno tenha se afastado da leitura, ou proporcionar o prazer da descoberta da leitura a quem ainda não a conheça (2014, p. 134).

Carvalho (2008) explica que muitos alunos não chegam na escola vazios de leituras, mas apenas com leituras diferentes das trazidas pelo professor. Cabe ao educador atrair os alunos a novas formas de ler. Para a pesquisadora, ler é uma forma de compartilhar e dialogar novas possibilidades:

O professor, ao oferecer ao aluno suas leituras, está revelando como ele foi se constituindo leitor, como foi caminhando com e através do ato de ler, como foi dialogando com outros sujeitos. E, principalmente, dessa forma, o professor estará demonstrando (e relembrando, pois alguns já se esqueceram) que leitura é processo que envolve capacidades de leitura, estratégias, que é caminho e não é nem “dom sobrenatural ou herança genética” nem “toque mágico” (CARVALHO, 2008, p. 59).

Percebemos que muitos alunos entram no nível superior com bastante dificuldade na hora de se fazer pesquisa, de buscar as informações para fazer seus trabalhos acadêmicos. Muitos nunca viram um artigo científico, não têm noções do que é um resumo e resenha. Conforme demonstra Silva e Bin:

O que se observa atualmente é que muitos estudantes que ingressam na Universidade não têm a noção do que é pesquisa, inclusive, o primeiro semestre torna-se o momento mais tenso por ser o primeiro contato que terão com o projeto e sabendo da necessidade de leitura, quando questionados sobre a postura deles enquanto leitores na atualidade, vários graduando partilham suas experiências leitoras referindo-se por vezes, como algo longínquo, outros a utilizam somente para pesquisas em redes sociais e algumas situações diárias, alguns fazem leituras esporádicas e poucos são de fato leitores, que entendem a importância da leitura e dedicam tempo para praticá-la (2017, p. 365).

Santos (2006) acredita que para se repensar o ensino superior a partir do trabalho com leitura, primeiro é preciso conhecer os alunos, considerar os conhecimentos que eles já possuem e as suas dificuldades. Pois, segundo ela, “realizar um trabalho que desenvolva no aluno a capacidade de aprender a aprender - lendo, compreendendo e interpretando é um grande desafio, porém constitui-se num dever do professor (p. 83).”

Quaglia, Bonnici e Paixão (2015) acreditam que o professor é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem e por incentivar os alunos, tornando-os aptos para serem pesquisadores em potencial, críticos e que possam desenvolver-se intelectual e socialmente. Para atuar como mediador, antes de mais nada, o professor deve conhecer seus alunos, fazendo um diagnóstico do nível de conhecimento de cada

turma. Depois, deve selecionar textos de gêneros textuais diversos e o aluno aprenderá a função social de cada um deles. O exercício de leitura deve ser feito gradativamente, assim o acadêmico criará o hábito de ler regularmente, como uma atividade essencial para adquirir conhecimento. Vale destacar que haverá dificuldades de interpretação e de posicionamento crítico, mas elas fazem parte do processo de leitura. No final, o aluno saberá dar sentido à leitura realizada, sendo capaz de reconhecer os diversos níveis de leitura para apreensão do texto (QUAGLIA; BONNICI; PAIXÃO, 2015).

Sendo assim, acreditamos que a partir desse primeiro contato com diferentes gêneros textuais que os professores podem proporcionar aos discentes da graduação, os alunos aprenderão a reconhecer cada tipo de leitura e irão desenvolver-se gradativamente para leituras mais complexas, que os ajudarão nas suas pesquisas acadêmicas e na vida em geral. Desse modo, fazendo um percurso de um texto simples ao artigo científico e textos acadêmicos mais elaborados, os alunos irão habituar-se a ler, tornando-se algo natural na vida acadêmica.

Em um mundo tecnológico, com novidades surgindo a todo momento, a leitura não deve estar condicionada apenas aos textos impressos. Os jovens de hoje já nasceram depois de 2000, cresceram com a tecnologia e desconhecem um mundo sem ela. Segundo Silva e Bin (2017), a leitura dentro da sala de aula muitas vezes é o único momento de contato dos acadêmicos com ela essa atividade. Desse modo, cabe aos docentes, como mediadores da leitura, acompanhar essa evolução e adaptarem suas aulas às novas percepções. Sendo assim, “a motivação para a atividade, dependerá do grau de envolvimento proporcionado pelo docente, já que os estudantes nascem praticamente envoltos pela tecnologia” (SILVA; BIN, 2017, p. 362). Para tanto, os professores devem fazer da tecnologia sua aliada, atualizar-se, conhecer os diversos suportes e fontes, proporcionando aulas com o uso da tecnologia digital:

Observa-se que trabalhar com projetos de pesquisa com o uso da tecnologia torna-se uma alternativa primordial na graduação. Os avanços na aprendizagem são percebidos no decorrer das aulas pelos docentes, especialmente em se tratando de Língua Portuguesa, onde o estudante começa a perceber que não estruturou corretamente o parágrafo, visualiza a escrita correta das palavras, entende a importância das conexões, escreve, reescreve (SILVA; BIN, 2017, p. 368).

Para despertar o jovem para a leitura, deve-se dar o exemplo, gostar de ler pois, "...imaginar que quem não lê pode fazer ler é tão absurdo quanto pensar que alguém que não sabe nadar pode se converter em instrutor de natação (MACHADO, 2001, p. 122)". Existem muitos casos de professores que repetem que os alunos não gostam de ler, não procuram pegar um livro na biblioteca para estudar, que os alunos têm preguiça e querem tudo fácil, mas também nunca pisaram na biblioteca nem para consultar a bibliografia disponível para sua disciplina.

De acordo com Bortoni-Ricardo e Machado (2013), a negligência do professor no seu papel de mediador de leitura é um problema recorrente em nosso país, fato que pode estar diretamente ligado à qualidade do ensino brasileiro. A falta de um trabalho sistemático no incentivo à leitura muitas vezes traz consequências para a formação integral desses alunos, pois essa lacuna os impede de se tornarem sujeitos letrados e, por conseguinte, as atividades de leitura, principalmente a literária, se reduzem à quantificação de notas.

Por outro lado, devemos reconhecer que há professores engajados, que estão sempre consultando os livros na biblioteca, buscando novas bibliografias, fazendo projetos para arrecadar renda e comprar novos livros para a instituição. Professores que passam exercícios frequentemente baseados nos livros da bibliografia da disciplina.

Podemos perceber que, apesar de a leitura ser considerada importante ao longo de toda formação dos alunos, muitos chegam no nível superior com pouco ou nenhum contato com a leitura. Portanto, cabe ao professor despertar esse prazer, pois será de fundamental importância não só durante a vida acadêmica dos discentes, mas para toda vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de questionamentos próprios, a partir de uma experiência de trabalho na biblioteca de uma Universidade. Percebemos que muitos professores (73%) não frequentavam a biblioteca e portanto não conhecem o acervo de sua instituição, assim, conseqüentemente, não podem incentivar os alunos a fazerem pesquisas e buscar informações nos livros, portanto, nossa hipótese foi confirmada.

Por outro lado, é notável os esforços de outros professores que estão sempre consultando o acervo da biblioteca, que fazem projetos para arrecadar dinheiro ou

com dinheiro próprio compram livros para melhorar esse acervo, esses poucos 27%, conforme mencionado na pesquisa. Esses mesmos professores estão sempre passando exercícios baseados nos livros, pegam material na biblioteca para discutirem em sala com os alunos e fazem provas com consultas aos livros. Acreditamos que essas disciplinas são as que eles mais fixam o conteúdo e as que os alunos aprendem com mais facilidade, pois a leitura livro facilita na construção e assimilação do conhecimento.

Por meio desta pesquisa, percebemos que, em um mundo em que os jovens são inundados de informações, a maioria distorcida, incompleta ou até mesmo falsas, as famosas “*fake news*”, é imprescindível que os professores atuem como mediadores e auxiliem na busca de informação verdadeira e de qualidade. Sendo assim, é necessário que eles sejam os primeiros a darem o exemplo, frequentando as bibliotecas da sua instituição, lendo e discutindo sobre os temas da área, passando exercícios baseados na bibliografia do curso e, claro, serem eles próprios bons leitores.

Ainda que limitada, essa pesquisa mostrou que os professores podem sim fazer a diferença aos alunos quando eles mesmos dão o exemplo. Ou seja, não basta dizer que ler é bom e necessário, mas é preciso que eles demonstrem essa importância e o seu amor pelos livros.

Percebe-se que, apesar do consenso de que ler é bom e importante, ainda há poucas pesquisas relacionadas ao incentivo à leitura no ensino superior e muito ainda tem que ser feito nesse sentido. Mas, acreditamos que com os esforços de alguns professores e bibliotecários dedicados, aos poucos a leitura pode se tornar parte da vida acadêmica desse alunos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 1999. 640 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Leitura é fundamental**: desafios na formação de jovens leitores. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Ler é preciso**: políticas de fomento à leitura, perspectivas e desafios. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

BRETAS, Maria Luiza Batista. Os diferentes contextos das políticas públicas para o livro e a leitura. *In*: MOREIRA, Jairo Barbosa (org.). **Lendo os Brasis**: estudos sobre práticas de leituras. Goiânia: Ricochete, 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. O papel da Biblioteca na formação do leitor. **Salto para o futuro**, São Paulo, v. 21, n. 14, p. 18-25, out. 2011. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/08/biblioteca-escolar-que-espao--esse.pdf>. Acesso em: 7 maio 2019.

CARVALHO, Daniela Cristina. Leitura na escola: caminhos para a sua dinamização. *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro (org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. *In*: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 1999. 640 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 31 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

INSTITUTO PRÓ LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4 ed. INSTITUTO PRÓ LIVRO: São Paulo, 2016.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórica. Curitiba: Intersaberes, 2014.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas**: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 93 p.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

QUAGLIA, Isabela; BONNICI, Cristiane Gonçalves de Aguiar; PAIXÃO, Priscilla Campiolo Manesco. Formação leitora dos alunos do ensino superior: análise da construção desse processo. **Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, v. 22, n. 1, p. 79-90, jan./jun. 2015. Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em: 5 jun. 2019

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi. A importância da leitura no ensino Superior. **Revista da Educação**, [s. l.], v. 9, n. 9, p. 77-83, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

SILVA, Miguel Rettenmaier; BIN, Margarete Maria Soares. A leitura no ensino superior. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 360-372, set./dez. 2017.

TOURINHO, Cleber. **Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito?**. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 325-346, jul.-dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>. Acesso em: 17 out. 2019